



ÓLEO DE SILICONE: MULHERES TRANSGÊNERAS EM BUSCA DO CORPO PERFEITO

SILICON OIL: TRANSGENDER WOMEN SEEKING THE PERFECT BODY

Witalusan Ferreira Mendes¹
Elisângela de Andrade Aoyama²

¹Acadêmico de Enfermagem. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: witalo_san@hotmail.com

²Mestra em Engenharia Biomédica pela Universidade de Brasília – UnB. Instituição: Faculdade Juscelino Kubitschek – JK. Brasília, Distrito Federal. *E-mail*: eaa.facjk@gmail.com

Resumo: Óleo de silicone industrial tem sido usado por mulheres transgêneras de forma ilícita como finalidade estética, colocando em risco a saúde e suas vidas, ocasionando sérias deformidades em seus corpos e muita das vezes levando ao óbito. O objetivo do trabalho foi descrever as manifestações clínicas após o uso do óleo de silicone em mulheres transgêneras que buscam o corpo perfeito. A fim de contemplar o presente objetivo, optou-se em realizar uma revisão de literatura a partir do levantamento dos materiais disponibilizados em sítios e nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Repositórios das Universidades de São Paulo (USP) e do Rio Grande do Sul e *Google Acadêmico*. Como critérios de inclusão delimitou-se trabalhos publicados no período de 2009 a 2018, texto disponibilizado de forma completa e que fossem relevantes ao tema proposto. Os critérios de exclusão foram artigos incompletos e publicados em anos anteriores a 2009. Verificou-se que o uso do silicone industrial inicia na vida dessas mulheres já na pós-adolescência o que prolonga ainda mais sua agressão ao organismo, que a automedicação e a recusa em procurar um médico especializado já nos primeiros sintomas têm gerado sérios problemas de saúde. Necessita-se de agir urgentemente na inserção de políticas públicas em saúde que garantam o acesso a métodos saudáveis para que a mulher transgênera possa adequar seu corpo à sua identidade.

Palavras-chave: Migração do silicone, óleo de silicone, rejeição ao silicone, silicone industrial e silicone barra 1000.

Abstract: *Industrial silicone oil has been used by transgender women illegally with aesthetic purpose, endangering their health and lives, causing serious deformities in their bodies and often leading to death. The objective of this study was to describe the clinical manifestations after the use of silicone oil in transgender women seeking the perfect body. In order to meet the present objective, it was decided to perform a literature review from the survey of materials available on sites and databases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Repositories of the Universities of São*

Paulo (USP) and the Rio Grande do Sul and Google Scholar. Inclusion criteria was delimited to works published in the period from 2009 to 2018, full text available and relevant to the proposed theme. Exclusion criteria were incomplete articles published in years prior to 2009. It was found that the use of industrial silicone begins in the lives of these women already in their teens, which further extends their aggression to the organism, than self-medication and refusal in seeking a doctor who specializes in the first symptoms have generated serious health problems. Urgent action is needed to insert public health policies that ensure access to healthy methods so that transgender women can adapt their bodies to their identities.

Keywords: *Silicone migration, silicone oil, silicone rejection, industrial silicone and silicone bar 1000.*

Introdução

O óleo de silicone industrial, conhecido popularmente como “Barra 1000”, vem sendo usado de forma ilícita por mulheres transexuais no Brasil, bem como em outros países da América do Sul e do Continente Asiático desde meados da década de 1950. A aplicação que em geral é motivada pela insatisfação com a apresentação estética, acaba sendo desencadeadora de graves problemas de saúde, podendo até mesmo levar a pessoa à morte [1,2].

Tais mulheres, ou seja, as mulheres transgêneras são aquelas que além da luta pela construção dos seus corpos de forma adequada ao gênero também acabam tendo que lidar com as situações pautadas no senso comum que frisa que há uma ligação entre o sexo biológico e o gênero [3]. Além do mais, há a fomentação por parte da Biologia em que se apresenta a ideia estereotipada de que uma mulher, necessariamente, precisa ter uma vagina, porém as mulheres transgêneras a partir de uma perspectiva transfeminista constroem sua identidade tendo como ponto de partida sua identificação, sem ter como peso na orientação a questão do sexo biológico [3].

Na busca pela construção da identidade tem-se utilizado o mesmo produto comercializado para fins diversos na área industrial como na construção civil, na



manutenção / limpeza partes de automóveis e aviões [4]. Assim sendo, a destinação para os fins estéticos como aumento das mamas, aumento dos glúteos, coxas, panturrilhas, preenchimento facial em bochechas, lábios dentre outras partes do corpo tem causado grandes efeitos maléficis e a sua aplicação em grandes quantidades com o mínimo de higiene possível tem gerado quadro de infecções gravíssimas [5].

Os traumas ocasionados no tecido pulmonar, devida a aplicação do silicone industrial, em alguns indivíduos pode ser desencadeada para embolia pulmonar [6]. Esta relação da embolia pode ser devido à alta pressão promovida por grandes volumes do produto injetado no organismo, massagem local para perfeita acomodação do produto, ou ainda através do processo de migração regional [6].

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) – assevera veementemente o uso do silicone industrial no que se refere ao uso para fins estéticos e em menção à tal aplicação, destaca se ainda que tal prática constitui em crime contra a saúde pública necessitando que o indivíduo que o pratica seja enquadrado de acordo com o Código Penal e as previsões documentadas no mesmo [4].

Considerando o fato de que a prática coloca a vida de outro em risco tem se a premissa de que seja criminalizada a pessoa que assim o proceder. A aplicação de qualquer material no organismo necessita das devidas autorizações que são imbuídas no exercício legal da medicina e não sendo assim, quem o faz poderá responder por crimes relacionados à prática ilegal. Sabe se que não é por mera burocracia que existem os regulamentos, pois não são raras e nem de simples solução as reações que podem ser desencadeadas que envolvem principalmente o sistema respiratório, circulatório e nervoso, além de poder ocorrer complicações severas no local aplicado como o caso da manifestação de necroses [6,7].

Diante do exposto o presente trabalho objetivou identificar as manifestações clínicas iniciais e futuras das complicações e das patologias correlacionadas ao uso do óleo de silicone em mulheres transgêneras através da revisão da literatura pertinente e de apontamentos contundentes dentro dos resultados do material bibliográfico consultado.

Materiais e métodos

O presente trabalho consistiu em uma revisão de literatura a partir da consulta da base de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Repositórios das Universidades de São Paulo (USP) e do Rio Grande do Sul e *Google Acadêmico*. Nos campos de buscas foram inseridos os termos considerados chave na elaboração do presente estudo como: Migração do silicone, óleo de silicone, rejeição ao silicone, silicone industrial, silicone barra 1000.

Ressalta-se que foram poucas as publicações que

contemplaram a necessidade aqui exposta, e por isso, foram consultadas também outras bases e sítios voltados à área da saúde, mas os retornos não foram os esperados.

Excluíram-se de imediato os trabalhos que só estavam disponíveis na forma incompleta, que foram publicados até o ano de 2009, ou ainda, que após as leituras preliminares, o mesmo não trouxesse nenhum contributivo para discutir as questões pertinentes à saúde das mulheres transgêneras e o uso do silicone líquido industrializado.

Foram incluídos os materiais bibliográficos que se enquadraram no período de publicação entre 2009 e 2018. Fez-se a busca objetivando encontrar publicações do ano de 2019, mas sem nenhum resultado que pudesse ser utilizado na pesquisa. Optou-se em selecionar artigos completos que tratassem da problemática relacionada ao uso do silicone líquido industrial de forma direta, ou ainda, que após a verificação do mesmo tivesse ao menos significativas menções e que pudessem contribuir na presente discussão.

As 20 publicações analisadas são multidisciplinares, o que permitiu a abordagem e as considerações expostas sobre a temática escolhida, pois, entendeu-se que os fatores que fomentam a prática ilegal e de alto risco necessitava da soma dos diversos saberes acadêmicos.

A válvula de escape para a feminização

A literatura vem apontando que o fato de não se ter um amparo efetivo pelo Sistema Único de Saúde – SUS é fator determinante no que tange às ações – ainda que de risco – das usuárias do inseguro método de aplicação caseira do silicone industrial. Ressalta-se que fatores de cunho social também fomentam tal prática, que por sua vez, reforçam a necessidade de se promover a modelagem do corpo de uma forma perigosa [8].

Entende-se que o uso indiscriminado de formas para feminização do corpo e sem orientação médica, além dos determinantes sociais da saúde, é uma saída como forma de sobrevivência para aquelas que fazem o uso do corpo como única fonte de renda. Assim sendo, os fatores de risco acabam não sendo o alvo maior da preocupação, uma vez que se fala em sobrevivência diante de questões bastante pontuais como a alimentação e outros itens necessários [9].

Bombaço é o nome que se dá ao procedimento da aplicação do produto no corpo que é realizado na casa da própria ‘cliente’, geralmente por uma outra transexual ou travesti que recebe o nome de *bombadeira*. Trata se de uma pessoa ciente dos riscos dessa aplicação, porém insisti em fazê-lo devida a obtenção de lucro em cima de um procedimento realizado ilegalmente [9].

As *bombadeiras* prescrevem medicamentos que são administrados antes e após o procedimento para que se evitem possíveis reações e infecções, muitas das vezes sem sucesso e alertam sobre o repouso absoluto após a aplicação para que não ocorra a migração do produto para outras partes do corpo [9]. Trata se de um



procedimento doloroso, realizado com agulhas de uso veterinário e sem o uso de anestésico [10].

O uso ilegal do óleo de silicone

A busca incansável por um corpo perfeito, algumas por vaidade, outras por necessidade; encontraram no silicone industrial a válvula de escape para tentar sanar a situação. Tratam-se de mulheres transgêneras que buscam por sua sensualidade, uma transformação corporal que estejam de acordo com a condição feminina em que elas nasceram. É o desejo de se olhar no espelho e sentir bem consigo mesmo, de vestir uma roupa em que ficam nítidas suas curvas, é o desejo e o direito de se sentirem mulher [11].

Vale reiterar que o processo de transexualidade já vem alterando a saúde integral dos indivíduos envolvidos desde o período de sua infância, ou seja, ocorre todo um processo de desconstrução psicossocial que acaba fomentando a ocorrência de fatores prejudiciais, pois a não aceitação dos comportamentos da criança por parte já dos familiares acaba por acarretar uma gama de sentimentos que podem prejudicar o desenvolvimento psicológico em algum ou diversos aspectos. Neste sentido, combate-se a ideia de que a transexualização é um modismo, ou qualquer uma das menções oriundas da falta de conhecimento e das ideias pré-concebidas sem analisar o saber científico [11].

Entre as formas utilizadas, ainda que ilegalmente, para efetivar as mudanças esperadas no corpo, tem-se que, o uso do silicone líquido industrial passou a ser utilizado pela parcela da população brasileira alvo do presente estudo a partir da década de 1970/1980, pois, perceberam que a tal utilização permitia acelerar a construção das formas femininas – com maior velocidade que a utilização de hormônios - tendo como meta se tornar parecidas com as mulheres transexuais da cidade de Paris [12].

No entanto, a prática ilegal deve ser combatida por oferecer sérios riscos à mulher que se submete à aplicação, como pode ser elencado em alguns trabalhos que demonstraram com muita cautela os inúmeros malefícios que podem ter origem na utilização do material aqui discutido, bem como da forma apresentada anteriormente [5-6-1]. Além do mais, vale destacar que tais mulheres – ainda que não todas – mas, parcela significativa acaba tendo que fazer as alterações corporais no intuito de garantir que seu corpo que se torna uma mercadoria possa ser aceita no intuito de poderem, dessa única forma, acessarem itens básicos como a alimentação e moradia [13].

Embora, observou se que o fato de aplicar o silicone industrial consista em crime cabível de punição severa por constituir uma prática que se coloca em risco de morte a pessoa que recebe a aplicação, é evidente que o poder público deve aprofundar a discussão da pauta levantada por tal amostra da população, uma vez que se constitui em dever do Estado a garantia da saúde de todos os indivíduos e que este não institua em suas

práticas o processo de marginalização destes indivíduos [4,14]. Assim sendo, alguns autores recomendam sobre as modificações no atendimento, bem como na inserção de novas propostas para a população aqui estudada se torna de grande urgência [7,15].

Resultados

Constatou-se que elas (mulheres transgêneras) se depararam com as questões correlacionadas a não aceitação por parcela significativa da sociedade. Neste sentido, os casos de rejeição acabam sendo pautados tanto no que tange à homossexualidade quanto a necessidade das mesmas em terem um corpo correspondente à identificação de gênero [16]. Asseverando essas questões, observou que “[...] o corpo na contemporaneidade ocupa o lugar de mercadoria – um produto com direito a pequenos reparos e duração programada [13].”

Sobre a questão do uso do corpo como forma de sobrevivência, vale lembrar que antes de adentrar à prostituição – o que acaba sendo alvo de diversos julgamentos e condenações – é importante reiterar que o fato de ser transgênero e expor isso para a sociedade acarreta, infelizmente, como uma barreira para que os mesmos possam trabalhar em meios diferentes do que a prostituição, pois, se considerarmos as pessoas no final da adolescência ainda, 90% delas vão para a prostituição, muitas vezes tendo como a única opção, uma vez que acabaram sofrendo diversos abusos físicos e psicológicos – tanto em casa, quanto no ambiente escolar [11].

Um dos motivos que leva a aplicação do óleo de silicone é o baixo custo cobrado pelas *bombadeiras* no procedimento, que varia de R\$ 400 a R\$ 1000 reais por litro aplicado, já incluindo o produto. Diante das necessidades impostas, as travestis e transexuais sem dar a devida importância aos perigos que pode acarretar o silicone industrial, procuram alternativas mais acessíveis para contornar os seus corpos [9].

Além do mais, as formas femininas dadas ao corpo para se sentirem bem consigo mesma, para agradar aos namorados ou, até mesmo, para seus clientes não é um caso isolado na vida das mulheres transgêneras. Há relatos de casos de mulheres cisgêneras que vão à procura do silicone industrial para modificar ainda mais seus corpos pelas mesmas razões [8].

As mulheres cisgêneras, ou seja, aquelas que tendo reconhecimento pela maior parte da sociedade pelo fato de se identificarem com a morfologia de nascimento e o gênero que corresponde a elas. Assim sendo, estas acabam não sofrendo pela pressão posta sobre as mulheres transgêneras que, além de lidarem com a construção dos seus corpos, necessitam enfrentar as barreiras postas pela parcela significativa da população que acaba mantendo uma visão de anormalidade caso não se siga o padrão cis-heteronormativo [3].

O silicone industrial é a primeira opção devido a facilidade de acesso, o custo benefício por se bem



menor do que uma cirurgia de próteses, por não serem julgadas pelo procedimento e também pela facilidade de moldar as curvas do corpo como pernas e quadris, pois o silicone tem uma viscosidade líquida e se movimenta facilmente no corpo [17].

Durante as sessões de aplicação que podem durar períodos de até 12 horas, dependendo da quantidade do produto a ser injetado e da parte que irá recebê-lo, são feitas amarrações no corpo próximas aos locais em que será injetados o silicone, para evitar a migração do produto de uma parte superior para uma inferior, dando assim forma desejada diante do combinado com a *bombadeira*. Após a realização do procedimento, para que não ocorra o vazamento do produto pelos orifícios causados pela agulha, utilizam-se de cola instantânea para o fechamento do mesmo [17].

No entanto, o óleo de silicone é considerado uma bomba relógio. O produto pode ficar por anos no organismo sem causar nenhum tipo de reação e quanto mais passar o tempo piores poderão ser as complicações. E há um problema bastante grave: a questão do atendimento no Sistema Único de Saúde e suas limitações acabam fomentando o abandono do tratamento, ou ainda, afastando esse público de buscar ajuda, pois nem sempre se tem o respeito em relação ao nome social, bem como há relatos de que antes do atendimento acabam tendo que ouvir “sermões” por terem adotado tal prática ilegal [8].

Como visto, uma série de fatores permeiam o processo de uso de decisão em se utilizar o produto silicone líquido industrial – SLI - que embora proibido, ainda faz com que muitas acabem fazendo seu uso de forma a correr riscos [4]. No entanto, mesmo tendo algum problema de saúde em decorrência da utilização

do material, um estudo com mais de 285 pessoas que se submeteram ao uso do SLI, demonstrou que 121 delas, ou 43% das usuárias foram acometidas por alguma complicação. E, destas que foram prejudicadas com o uso do material, apenas 46,25% procuraram algum serviço de saúde pública ou privada [15].

Ainda sobre a amostragem discutida na dissertação vale destacar ainda que mais de 50% das participantes da pesquisa que tiveram alguma complicação relacionada ao uso do SLI, ou até mesmo, que tiveram alguma seqüela em relação ao uso, permaneceram afirmando que estariam no mínimo satisfeitas com a aplicação [15].

O uso do SLI conforme trabalhos pesquisados apontaram que a aplicação ocorre, principalmente, entre aquelas que possuem menor nível de escolaridade, o que pode ser alinhado à questão da necessidade de se ter uma maior aceitação no mercado da prostituição e as exigências impostas sobre a “mercadoria” que se deseja e o fato do SLI ser considerado economicamente mais viável [15-13-9].

Devida as poucas discussões voltadas às mulheres transgêneras, optou-se em considerar que os dados elencados no estudo de com estas e com travestis, a fim de fazer alguns apontamentos sobre as variáveis que permeiam a relação da utilização do SLI, bem como dados sociodemográficos – importantes para o entendimento dos fatores que levam o indivíduo a correr o risco de tal utilização [15]. Assim sendo, adaptou-se os dados tabelados pelo autor a fim de demonstrar de forma estatística a realidade de muitas dessas mulheres (Tabela 1).

Tabela 1: Fatores associados à utilização de silicone industrial por travestis e mulheres travestis de municípios paulista - 2015 (N=576) [15]

Características	Utilização de silicone [n (%)]		RP (bruta)	IC95%	Valor de p *
	Não	Sim			
Faixa etária em anos					< 0,001
Até 19	22 (91,70)	2 (8,30)	1,00	-	
20-29	140 (56,50)	108 (43,50)	5,22	1,37-19,86	
30-39	78 (46,20)	91 (53,80)	6,46	1,69-24,56	
40-49	37 (33,60)	73 (66,40)	7,96	2,09-30,25	
50 ou +	14 (56,00)	11 (44,00)	5,27	1,30-21,40	
Raça/Cor					0,142
Branca	109 (52,90)	97 (47,09)	1,00	-	
Parda	122 (47,66)	134 (52,34)	1,11	0,92-1,33	
Preta	47 (53,41)	41 (46,59)	0,98	0,75-1,29	
Outra	3 (23,08)	10 (76,92)	1,63	1,17-2,27	
Escolaridade					< 0,001
Ensino Superior completo	22 (84,62)	4 (15,38)	1,00	-	
Ensino Médio completo	121 (51,49)	114 (48,51)	3,15	1,26-7,84	
Ensino Fundamental completo	87 (53,05)	77 (46,95)	3,05	1,22-7,63	
Até o Ensino Fundamental incompleto	60 (40,00)	90 (60,00)	3,90	1,56-9,70	



ReBIS

Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde

Renda individual mensal em salários mínimos **					0,074
≥ 1	150 (46,70)	171 (53,30)	1,00	-	
Continuação					
< 1	120 (54,50)	100 (45,50)	0,85	0,71-1,01	
Moradia própria					0,002
Continuação					
Sim	87 (60,80)	56 (39,20)	1,00	-	
Não	161 (45,70)	191 (54,30)	1,38	1,10-1,73	
					Cont.
Trabalha com carteira assinada					< 0,001
Sim	40 (78,40)	11 (21,60)	1,00	-	
Não	251 (47,80)	274 (52,20)	2,41	1,42-4,11	
Identidade de gênero (como identifica-se)					< 0,001
Transexual	175 (59,93)	117 (40,07)	1,00	-	
Travesti	115 (40,64)	168 (59,36)	1,48	1,24-1,75	
Pretende realizar cirurgia de redesignação sexual					0,001
Sim	89 (62,24)	54 (37,76)	1,00	-	
Não	197 (46,03)	231 (53,97)	1,42	1,13-1,79	
Histórico de uso de hormônio sem receita médica					0,006
Não	59 (63,44)	34 (36,56)	1,00	-	
Sim	229 (47,91)	249 (52,09)	1,42	1,07-1,88	
Faz programas					< 0,001
Não	193 (59,57)	131 (40,43)	1,00	-	
Sim	97 (39,11)	151 (60,89)	1,50	1,27-1,77	

(IC95%: intervalo de 95% de confiança; RP: razão de prevalência bruta. *Teste do qui-quadrado; **Salário mínimo vigente à época da pesquisa = R\$ 905.)

A amostra que contou com uma entrevista de 576 pessoas foi realizada em alguns municípios do estado de São Paulo e apresentou dados tanto de mulheres que fizeram (N=285), quanto das que afirmaram não terem se submetido ao uso do SLI (N=291) permitindo uma percepção de possíveis fatores influenciadores na tomada de decisão e outras variáveis que podem ser analisadas dentro da Tabela 1. Chama a atenção que a preocupação com a saúde ou outro fator tenha levado as mulheres a não usarem o SLI, no entanto, por outros motivos acabaram se arriscando ao tomar hormônios sem receita médica, por exemplo [15].

É importante trazer um destaque à questão do intuito de submissão à cirurgia de redesignação de sexo como sendo uma das outras etapas do processo construtivo do alinhamento corporal com a identidade de gênero [15]. Outro ponto que pode ser apontado se refere ao baixo índice de formação do curso superior – o que pode estar bastante relacionado com o abandono escolar devido ao preconceito – uma das formas comuns diante do comportamento de parte da sociedade [16].

É notável que há uma relação das situações de risco com as questões pertinentes ao tratamento oferecido pelo SUS, tem-se que os programas que abordam à população analisada no presente trabalho contemplam com ênfase apenas as questões relacionadas à prevenção e o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis,

ficando uma lacuna no que tange ao papel do Sistema Único de Saúde ante as demandas expostas pelas transexuais. Reitera-se que todo o processo de garantias

às transformações corporais esperadas e o acompanhamento médico é alvo de discussão constante, mas muitos fatores acabam por inviabilizar a aplicação ou o aprofundamento de políticas públicas tão necessárias [18].

Associando tanto as questões da prática ilegal e a não busca por tratamentos adequados, tem-se um cenário propício à ocorrência de vários danos e efeitos maléficis envolvendo, especialmente, o sistema nervoso central e os pulmões [6]. Esta ocorrência se dá devida as impurezas presentes no óleo de silicone ou de sua alteração, provocando infecções gravíssimas, formações de corpo estranho devido a migração do óleo, e também nódulos, necrose, hepatite granulomatosa, linfadenopatia regional, uma série de problemas pulmonares e a ocorrência das siliconomas – deslocamento do material utilizado - que podem ser vistas na Figura 1 [5,6].

Figura 1: Siliconoma em Região Glútea [5].



Corroborando ainda com a questão de discussão do Sistema Único de Saúde e o atendimento às mulheres transgêneras – bem como de travestis – ante a pauta de saúde e de transformações que estas acharem necessárias de uma revisão significativa no que é chamado de Processo Transexualizador que, além das questões relacionadas às próteses, envolvem outras técnicas como terapias hormonais, cirurgias plásticas, entre outros [19,15].

Conclusão

A busca por um corpo que corresponda aos anseios da mulher transgênera, ou seja, que corresponda à sua feminilidade, uma vez que a mesma tenha nascido em um corpo com características masculinas, mas que o seu interior, sua alma, corresponda ao predomínio das características, dos pensamentos e sentimentos voltados ao feminino, fazem com que se necessite de mudanças corporais para corresponder a sua identidade de gênero.

Porém a forma com que se busca o corpo perfeito não tem sido a mais saudável. O uso do óleo de silicone tem tornado o sonho dessas mulheres em pesadelos, e mesmo sabendo da real finalidade do produto, que não foi fabricado para ser usado no corpo humano, tem crescido cada dia mais o número de óbitos por essa prática ilegal, sendo a maioria deles por embolia pulmonar. Sabe-se também que aquelas mulheres que passaram por algum trauma devido ao uso do silicone industrial, carregam consigo sérios problemas psicológicos devido às deformações em seus corpos.

Este trabalho não tem a finalidade de julgar quem fez o uso do óleo de silicone e nem das *bombadeiras* que o aplicam, mas de alertar sobre seus riscos e tratar tal situação como um sério problema de saúde pública. Neste sentido, o sentimento de urgência dada à situação apontada é bastante intenso, uma vez que ações voltadas ao atendimento das necessidades da amostra populacional que foram demonstradas ao longo do trabalho sejam atendidas, não só elas teriam seus direitos, mas muitos problemas de saúde futuros podem ser evitados, diminuindo inclusive o ônus do Governo em relação às complicações que poderiam ter sido evitadas.

É preciso uma maior conscientização para a valorização da vida dessas pessoas no âmbito da saúde, com profissionais capacitados, pois houve relatos de algumas transgêneras de evitar as repartições públicas de saúde por sofrerem preconceitos de vários tipos,

sendo assim algo constrangedor. Até mesmo no momento de agonia devido ação do silicone no organismo, algumas chegam a serem levadas por outras amigas a hospitais contra a própria vontade, pois sabem que antes de terem um atendimento adequado, houve se primeiro o “sermão” do profissional que irá atendê-las devido ao uso do óleo de silicone. Nunca vamos nos esquecer de que a equidade na saúde é primordial e que, ao atender uma transgênera vítima do óleo de silicone ou por qualquer outra patologia que seja, tenhamos por elas o único sentimento capaz de mudar uma sociedade para o bem: a empatia!

Referências

- [1] Mello DF, Gonçalves KC, Fraga MF, Perin LF, Helene JA. Complicações locais após a injeção de silicone líquido industrial: série de casos. Rev Col Bras Cir. [Internet]. 2013 Fev [citado em 2019 ago. 27]; 40(1):37-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010069912013000100007&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912013000100007>
- [2] Galli RA. Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto; 2013.
- [3] Campos DMAR. Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher [dissertação]. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco; 2014.
- [4] Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Risco à saúde: silicone industrial para uso estético [citado em 2019 abr. 07]. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/noticias//asset_publisher/FXrpx9qY7FbU/content/risco-a-saude-silicone-industrial-para-uso-estatico/219201
- [5] Dornelas MT, Correa MPD, Barra FML, Junior CACS, Dornelas MC, Sant'Anna LL, et al. Siliconomas. Rev Bras Cir Plást. [Internet]. 2011 Fev [citado em 2019 ago. 27]; 26(1):16-21. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198351752011000100005&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-51752011000100005>
- [6] Mello DF, Gonçalves KC, Fraga MF, Perin LF, Américo HJ. Complicações locais após a injeção de silicone líquido industrial: série de casos. Rev Col Bras Cir. [Internet]. 2013 Fev [citado em 2019 ago. 27]; 40(1):37-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010069912013000100007&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-69912013000100007>
- [7] Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de Metodologia Científica. 6ª ed. São Paulo: Atlas; 2009.
- [8] Rocon PC, Rodrigues A, Zamboni J, Pedrini MD. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. Cienc Saúde



- Colet [Internet]. 2016 Ago [citado em 2019 ago. 27]; 21(8):2517-26. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232016000802517&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015218.14362015>
- [9] Longaray DA, Ribeiro PRC. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. Rev Estud Fem [Internet]. Florianópolis Dec. 2016 [citado em 2019 ago. 27]; 24(3):761-84. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000300761&lng=en&nrm=iso. accesson27Aug. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p761>
- [10] Cardoso, MR, Ferro, LF. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. Psicol Cienc Prof. [citado em 2019 maio 05]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893201200030003&lng=en&nrm=iso. ISSN14149893. <http://dx.doi.org/10.1590/S141498932012000300003>
- [11] Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de apoio a gestão participativa. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília-DF; 2015. p. 17-24.
- [12] Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de apoio a gestão participativa. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília-DF; 2015. p. 9-16.
- [13] Davi EHD. Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti [tese]. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto; 2013.
- [14] Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de apoio a gestão participativa. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília-DF; 2015. p. 65-80.
- [15] Pinto TP. Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados à sua utilização entre travestis e mulheres transexuais residentes no estado de São Paulo [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo; 2016.
- [16] Amorim SMG, Vieira FS, Brancaleoni AP. Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. Saúde debate [Internet]. 2013 Set [citado em 2019 ago. 27]; 37(98):525-35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010311042013000300016&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-11042013000300016>.
- [17] Souza MHT, Signorelli MC, Covielli DM, Pereira PPG. Itinerários terapêuticos de travestis da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. Cienc Saúde Colet [Internet]. 2014 Jul [citado em 2019 set. 08]; 19(7): 2277-86. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000702277&script=sci_abstract&lng=pt
- [18] Oliveira MIZ. Nas margens do corpo, da cidade e do Estado: Educação, Saúde e violência contra travestis [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas; 2015.
- [19] Fachini GC. A promoção da Equidade a partir da política de saúde LGBT: o olhar de uma futura sanitarista [monografia]. Rio Grande do Sul Univeridade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS; 2018.
- [20] Pereira CAZ, Pereira LC; Chermicoski IA, Furusho MI, Franzon VZ. Implante de silicone líquido para tratamento estético: cursando com reações adversas tardias locais e sistêmicas. Revista Surgical Cosmetic Dermatology. 2015; 7(1):79-83.